

## JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1



**A ATUAÇÃO DE ENFERMAGEM JUNTO AO  
PACIENTE PORTADOR DE ANEMIA FALCIFORME**

**NURSING PERFORMANCE WITH PATIENTS WITH  
SICKLE CELL ANEMIA**

**Katiuscia Nascimento Borges BARBOSA**  
Faculdade de Palmas (FAPAL)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3197-2377>  
E-mail: [Katiuscia.barbosa@hotmail.com](mailto:Katiuscia.barbosa@hotmail.com)

**Raylton Aparecido Nascimento SILVA**  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
ORCID: <https://orcid.org/0000000338327685>  
E-mail: [rayltonsilva97@gmail.com](mailto:rayltonsilva97@gmail.com)

**Ruhena Kelber Abrão FERREIRA**  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5280-6263>  
E-mail: [kelberabrao@uft.edu.br](mailto:kelberabrao@uft.edu.br)

**Thiago Oliveira Sabino LIMA**  
Faculdade de Palmas (FAPAL)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2677-9481>  
E-mail: [thiagosabino@uft.edu.br](mailto:thiagosabino@uft.edu.br)



## RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A doença falciforme é caracterizada pela mutação das hemoglobinas, tornando-a com formato de foice. Essa patologia é um dos agravos que apresentam um desafio muito grande para a saúde pública. Tal fato ocorre porque, ela desencadeia uma série de sintomas e não há uma cura para a mesma. A equipe de enfermagem tem papel fundamental, pois atua frente a esses indivíduos em todos os níveis de atenção, podendo ajuda-los a ter uma vida melhor. **OBJETIVO:** Descrever a atuação da enfermagem frente ao manejo dessa patologia. **MÉTODO:** Trata-se de uma revisão narrativa, que foi realizada nas bases de dados SciELO, LILACS, PUBMED, BVS e BIREME, utilizando os descritores “anemia falciforme”, “cuidados de enfermagem” e “qualidade de vida”, para a seleção dos artigos, foram aplicados critérios de inclusão e exclusão. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Pela restrição da pesquisa ao idioma português, a pesquisa não resultou em uma grande quantidade de artigos. No entanto, desses encontrados foram selecionados dez para elaboração dos resultados e discussões. Foi possível verificar nesses artigos a alta prevalência da doença falciforme sobre a população afrodescendente que possui uma maior probabilidade de possuir o traço falcêmico. Nesse sentido, a enfermagem atua orientando essas pessoas no planejamento familiar, para que possa sanar todas as dúvidas, também, na triagem neonatal, identificando e tratando crianças com a doença falciforme, e, instruindo a sua família sobre como identificar e prevenir novos agravos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Pesquisas sobre a doença falciforme se fazem necessárias, especialmente aquelas que visem à cura definitiva da doença. Por enquanto, a equipe de enfermagem deve manter-se atenta, de modo a atender seus pacientes de maneira integral, respeitando suas crenças e costumes, de modo a aplicar seu conhecimento teórico-científico a favor da promoção saúde e prevenção de crises.

**Palavras-chave:** Anemia Falciforme; Cuidados de Enfermagem; Qualidade de Vida.

## ABSTRACT

**INTRODUCTION:** Sickle cell disease is characterized by hemoglobin mutation, making it sickle-shaped. This pathology is one of the conditions that present a very big challenge for public health. That's because, it triggers a series of symptoms and there is no cure for it.

**Katiuscia Nascimento Borges BARBOSA; Raylton Aparecido Nascimento SILVA; Ruhena Kelber Abrão FERREIRA; Thiago Oliveira Sabino LIMA. A ATUAÇÃO DE ENFERMAGEM JUNTO AO PACIENTE PORTADOR DE ANEMIA FALCIFORME. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2022. FLUXO CONTÍNUO. Ed. 35. V. 1. Págs. 238-258. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).**

The nursing team has a fundamental role, as it works with these individuals at all levels of care, and can help them to have a better life. **OBJECTIVE:** To describe the role of nursing in the management of this pathology. **METHOD:** This is a narrative review, which was carried out in the SciELO, LILACS, PUBMED, BVS and BIREME databases, using the keywords "sickle cell anemia", "nursing care" and "quality of life", for the selection of the articles, inclusion and exclusion criteria were applied. **RESULTS AND DISCUSSIONS:** Due to the restriction of the search to the Portuguese language, the search did not result in a large number of articles. However, of those found, ten were selected to elaborate the results and discussions. It was possible to verify in these articles the high prevalence of sickle cell disease in the Afro-descendant population that has a higher probability of having the sickle cell trait. In this sense, nursing acts to guide these people in family planning, so that they can resolve all doubts, also, in neonatal screening, identifying and treating children with sickle cell disease, and instructing their family on how to identify and prevent new diseases. **FINAL CONSIDERATIONS:** Research on sickle cell disease is necessary, especially those aimed at the definitive cure of the disease. For the time being, the nursing team must remain attentive, in order to attend its patients in an integral way, respecting their beliefs and customs, in order to apply their theoretical and scientific knowledge in favor of health promotion and crisis prevention.

**Keywords:** Sickle Cell Anemia; Nursing care; Quality of life.

## INTRODUÇÃO

A anemia falciforme é um agravo que desde sua descoberta gera muitos desafios à saúde pública. Apesar dos esforços dos especialistas na busca por uma cura, atualmente só existem tratamentos paliativos para tratar sintomas específicos e tentar reduzir a incidência de crises (MADELLA et al., 2017). Diante disto, o presente estudo visa realizar uma revisão na literatura de modo a agregar conhecimentos sobre o papel da enfermagem no enfrentamento das doenças falciformes.

O sistema circulatório é composto por uma repleta rede de vasos sanguíneos e de extrema importância para o normal funcionamento do corpo humano (STANDRING, 2010). Para que ocorra o funcionamento pleno desse sistema se faz necessário que os componentes sanguíneos estejam normais. No entanto, a anemia falciforme é uma doença que gera modificações genéticas nas hemácias ocasionando agravos crônicos ao portador desta patologia (SARAT et al., 2019).

**Katiuscia Nascimento Borges BARBOSA; Raylton Aparecido Nascimento SILVA; Ruhena Kelber Abrão FERREIRA; Thiago Oliveira Sabino LIMA. A ATUAÇÃO DE ENFERMAGEM JUNTO AO PACIENTE PORTADOR DE ANEMIA FALCIFORME. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2022. FLUXO CONTÍNUO. Ed. 35. V. 1. Págs. 238-258. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).**

Doença Falciforme é o termo designado para se referir ao grupo de anemias hemolíticas hereditárias que possuem sua fisiopatologia determinada pela produção de hemoglobinas defeituosas chamadas de HbS, a qual é uma sigla proveniente do inglês sickle, que significa foice, dando origem ao nome da doença (BRASIL, 2007; POMPEO et al., 2020).

Por muito tempo, a anemia falciforme foi tratada apenas por médicos, principalmente pelo especialista em hematologia, tornando este paciente distante do serviço de Atenção Primária de Saúde (CORDEIRO, FERREIRA & SANTOS, 2014). No entanto, de acordo com o Ministério da Saúde se faz útil à realização de exames o mais precocemente possível nas crianças, especialmente o teste do pezinho que é realizado pela equipe de enfermagem, pois, por meio dele a Doença Falciforme é rapidamente detectada podendo iniciar os cuidados de saúde o quanto antes, contribuindo assim para redução da morbimortalidade infanto-juvenil por este agravo (OLIVEIRA et al., 2019; KIKUCHI, 2007).

Em adultos, também é necessário à realização de exames que podem ser indicados na Atenção Primária de Saúde, inclusive pelo enfermeiro de saúde da família durante o planejamento familiar (DE ARAÚJO et al, 2021). Embora raro, eles podem identificar a anemia em um portador até então assintomático e também a presença do Traço Falciforme, sendo que este último pode esclarecer informações sobre os filhos deste casal, pois se ambos tiverem o Traço Falciforme, existe também a possibilidade de 50% de seus filhos nascerem com o Traço Falciforme e 25% deles nascerem com Doença Falciforme (ANVISA, 2002; BRASIL, 2015).

Avaliando o contexto histórico e a relação da Doença Falciforme com a população negra, é possível perceber que ela se encontra intrinsecamente relacionada ao povo brasileiro por sua grande variedade genética, e também por ser um povo altamente miscigenado (SOUZA et al., 2016). Calcula-se que mais de 7 milhões de brasileiros são portadores do traço falcêmico, e, também, estima-se o nascimento de mais de 3 mil crianças com anemia falciforme, anualmente. Diante disto, é possível notar a necessidade de ampliar o rastreamento para tentar reduzir as chances de novos casos (FELIX, SOUZA, RIBEIRO, 2010).

Convém ressaltar que este tipo de hemoglobinopatia interfere diretamente nas condições de bem-estar do paciente e seus familiares que necessitam realizar mudanças em seu cotidiano para atender as modificações biológicas no organismo deste indivíduo. Sendo

assim, é preciso compreender acerca das dificuldades apresentadas no cotidiano destas pessoas para lidar com os sintomas da doença (MADELLA et al., 2017).

Embora escassas, as pesquisas amostrais realizadas na população indicam que a qualidade de vida dos portadores de anemia falciforme é inferior quando comparada a de indivíduos saudáveis. Portanto, fica evidente a necessidade de ampliar as estratégias direcionadas a esse público, sejam elas no serviço assistencial no momento de crise, sejam na APS para que se desenvolva a promoção e prevenção de saúde (FERREIRA; CORDEIRO, 2013).

Para isso, o enfermeiro tem papel fundamental no acompanhamento deste agravo e deve incentivar a autonomia do portador da Doença Falciforme, encorajando-o sobre sua responsabilidade perante o seu quadro de saúde. Tal Fato é possível por meio de consultas de rotina que fornecem o ensino contínuo a esse paciente que podem torna-lo colaborativo quanto às práticas do autocuidado que garantem a ele uma melhor qualidade de vida (BRASIL, 2014; ARAÚJO et al., 2019).

O enfermeiro é capaz de identificar os sinais e sintomas específicos da patologia, bem como dar seguimento aos cuidados norteados por diretrizes específicas para a Doença Falciforme. Dessa forma, apesar desta ainda não tem cura, a enfermagem tem papel primordial, pois pode utilizar estratégias que visem à redução das crises, bem como a sua gravidade, seja no momento de crise ou em consultas de rotina (BRASIL, 2014).

Baseado nas informações anteriormente citadas, esta pesquisa tem como objetivo descrever a importância da equipe multiprofissional, especialmente o enfermeiro, no desenvolvimento do bem-estar dos indivíduos portadores da anemia falciforme, assim como informar sobre estratégias e medidas que podem ser orientadas para reduzir os fatores que agravem a doença.

## MÉTODOS

De acordo com Botelho, Cunha e Macedo (2011), trabalhos de revisão de literatura são pesquisas que envolvem fontes eletrônicas ou bibliográficas para embasar um determinado projeto com uma fundamentação teórica resultante de pesquisas de outros autores. Consoante a Ferenhof e Fernandes (2016) ela consiste em identificar um problema, selecionar ideias, coletar dados, analisar os resultados e descrever os achados da pesquisa.

Dessa forma, este estudo consiste em uma revisão narrativa de literatura especializada e sua pesquisa foi desenvolvida por meio de livros e também por artigos gratuitos disponibilizados em bibliotecas eletrônicas como SciELO, LILACS, PUBMED, BVS e BIREME. Para direcionar a pesquisa nesses bancos de dados, foram utilizadas as seguintes palavras-chave, baseadas nas terminologias cadastradas nos Descritores em Ciências da Saúde (DECS): “Anemia Falciforme”, “Cuidados de Enfermagem” e “Qualidade de Vida”.

Para a seleção dos artigos para o desenvolvimento dos resultados e discussões foram utilizados critérios de inclusão e exclusão. Foram inclusos: (a) artigos recentes, publicados entre os anos de 2015 a 2020; (b) artigos em português; (c) textos que apresentem sua publicação completa e gratuita, e (d) conteúdos relacionados ao tema proposto na pesquisa. Foram excluídos: (a) artigos publicados anteriormente a 2015; (b) idioma distinto do português; (c) artigos incompletos e/ou pagos, e (d) publicações que tangenciam o tema abordado.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Originada na África, a Doença Falciforme (DF) está entre as doenças hematológicas hereditárias mais frequentes de todo o mundo. Tal fato ocorre porque esse país passou por uma imigração forçada que levou escravos africanos e informações genéticas a vários locais, inclusive às Américas. Desse modo, estima-se que haja 7,2 milhões de indivíduos com o traço falciforme meio a população mundial (SANTOS, 2019).

No Brasil, em 2018, a maior concentração da população afrodescendente estava concentrada na região Nordeste, com aproximadamente 13% se autodeclarando pretos e 63% pardos. Essa predominância acaba tendo como consequência a maior concentração de portadores de anemia falciforme, principalmente nos estados Bahia, Maranhão e Pernambuco (RAMOS et al., 2020).

A Doença Falciforme é caracterizada pela mutação do gene que produz hemoglobina (Hb) A, que passará a gera-la com características morfológicas diferentes, a hemoglobina S. Essas alterações são genéticas e hereditárias, encontradas nos filhos que apresentam herança recessiva (ARAÚJO et al., 2019). Ela é considerada um agravo genético e degenerativo que não possui cura e tem um elevado índice de morbimortalidade. Isto decorre de uma série de manifestações clínicas que acometem os portadores desde o início de suas vidas (CRUZ et al., 2020).

As alterações nas células sanguíneas, em formato de foice, acabam gerando a obstrução de vasos sanguíneos, desencadeando uma série de sintomas como: crises algicas, sequestro esplênico, hipertermia, Síndrome Torácica Aguda (STA), crise aplástica, Acidente Vascular Encefálico (AVE), lesões nos órgãos e sistemas, infartos e outros (RAMOS et al., 2020).

Essas reações são recorrentes, intensas e dolorosas, iniciando-se nos primeiros seis meses de vida. A hipóxia tecidual gerada pela vaso-oclusão acomete progressivamente e estimula o centro de percepção dor da criança, causando queimação e dormência, principalmente em grandes ossos do corpo e a criança irá expressar esse incomodo por meio da síndrome mão-pé (GESTEIRA, BOUSSO, & RODARTE, 2016). O reconhecimento dessa dor pode ser difícil, afinal ela ainda não possui a capacidade de relatar ou descreve-la (CAMPELO et al., 2018).

Visando o diagnóstico precoce da doença, foram criados programas e estratégias. No Brasil, o Ministério da Saúde, por meio da Portaria nº 822/2001, tornou o teste do pezinho obrigatório para que a DF seja identificada ainda na Triagem Neonatal. O objetivo desse teste é identificar homozigotos para hemoglobina S (HbSS) e/ou alguma outra patologia que possa vir a acometer as hemoglobinas. A triagem neonatal também pode identificar heterozigotos (HbAS) e portadores do traço falcêmico, garantindo a plena identificação dos portadores da patologia, não apenas os doentes (LEITE et al., 2019; SANTOS, 2019).

Além disso, esse teste visa rastrear os casos da doença falciforme precocemente, confirmar suspeitas diagnósticas e, principalmente, favorecer o encaminhamento rápido destes pacientes aos diferentes programas de saúde. Estes, por sua vez, devem ser a todos os níveis hierárquicos de atenção, para que assim ele possa ter orientação e acompanhamento sobre seu processo de saúde-doença (GESTEIRA et al., 2020).

Tanto a triagem neonatal quanto o encaminhamento adequado desses pacientes são fundamentais para redução de complicações e prevenção de intercorrências. Já que, o portador da DF apenas segue protocolos de tratamento paliativo, combinando uma série de medicações de uso contínuo que visam à redução de crises pela doença e alguns sintomas apresentados (CRUZ et al., 2020).

A possibilidade da identificação rápida dos recém-nascidos portadores da doença falciforme vem demonstrando um avanço nas estratégias de saúde, pois reduziu

significativamente a morbidade e mortalidade dos mesmos. Sobretudo, graças aos programas específicos de atenção especializada (LEITE et al., 2019).

A atuação frente a esse tipo de paciente é primordial para seu bem estar, afinal assim como outras doenças crônicas a anemia falciforme gera muita incapacidade. Embora os primeiros sintomas surjam nos primeiros meses de vida, a adolescência é uma das fases mais acometidas, pois as alterações clínicas podem gerar mudanças visíveis em seu corpo, como icterícia e abdome distendido. No ambiente escolar isso pode acabar ocasionando segregação social, acometendo o indivíduo emocionalmente e psicologicamente, afetando seu desempenho em suas ocupações (MARQUES, SOUZA, PEREIRA, 2015).

Arelado a essa segregação do processo de adoecimento, outro fator que é corriqueiro no cotidiano desses pacientes é a discriminação racial. Afinal, a população negra infelizmente representa um dos piores fatores epidemiológicos, educacionais e econômicos, no país (GOMES, FERREIRA, DO CARMO RODRIGUES, 2020). Além da não aceitação social, essas pessoas passam por preconceitos associados à raça, baixa renda e escolaridade, tanto no ambiente hospitalar quanto fora dele (FIGUEIRÓ & RIBEIRO, 2017).

De acordo com Lopes e Gomes (2020), esses pacientes estigmatizados acabam passando por um processo de invisibilidade meio a sociedade, acometendo seus direitos à saúde. Este padrão de “normalidade” imposto por algumas pessoas que marginalizam a doença meio a outras dificuldades sociais, demonstram o quão difícil é ser visto holisticamente, para uma pessoa com DF.

Compreender a vulnerabilidade destes indivíduos deve colaborar a reduzir a segregação existente, principalmente por parte dos profissionais de saúde. Ademais, incluí-lo a programas nacionais, estaduais ou municipais que visem à atenção integral em todos os níveis de saúde (VILELA et al., 2020).

Não obstante, o medo do agravo e a complexidade da sintomatologia acabam fazendo com que essas crianças e adolescentes passem por uma série de hospitalizações recorrentes. Isso acaba sobrecarregando não apenas o portador da doença, mas também o seu cuidador. Assim, a família deve ser orientada de maneira personalizada, de modo a traçar estratégias que visem à contribuição para a qualidade de vida destes (GESTEIRA, BOUSSO, & RODARTE, 2016).

Os familiares tem papel fundamental ao longo da vida dessas pessoas, afinal quando devidamente orientados eles são capazes de identificar sinais e sintomas que



possam estar relacionados com uma intercorrência para leva-lo a um centro de saúde. O tratamento envolve uma série variada de estratégias, como reposição hídrica, alívio da dor, oxigenoterapia, combate às infecções que possam existir - sendo que estas devem ser tratadas precocemente, pois podem levar à sepse-, transfusão sanguínea e de medula óssea, complementação de ácido fólico e outras medicações que forem necessárias (AMARAL et al., 2015).

O controle e tratamento da dor vão além do tratamento medicamentoso, pois, além desse apoio farmacológico se fazem necessárias estratégias que visem o apoio emocional e conforto para o indivíduo, já que, conseqüentemente, isso irá auxiliar em sua recuperação (CAMPELO et al., 2018). Dessa forma, por ser uma doença clinicamente incurável, precisa-se muito investir em outras áreas como educação em saúde, aconselhamento genético para evitar transtornos sociais e psicológicos (SOUZA, ARAÚJO, 2015).

A qualidade de vida é um aspecto que deve ser avaliado meio aos portadores de hemoglobinopatia (MADELLA et al., 2017). Nesse sentido, a equipe de enfermagem deve levar consideração à realidade das vivências dessas pessoas, assim como questões sociais, culturais e religiosas (MOTA et al, 2022). Embora geralmente os atendimentos sejam realizados na atenção especializada, há necessidade de descentralização dessa atenção para que o paciente possa ser atendido com equidade. Desse modo, profissionais de todos os níveis de atenção precisam estar preparados para atender a quem possua essas alterações nas hemácias, com isso, ele não dependerá apenas de um profissional específico, já que, outros também estarão aptos a atendê-lo (VILELA et al., 2020).

Para isso, o acompanhamento multiprofissional, inclusive da enfermagem, nos cuidados realizados nos serviços de saúde desde o pré-natal minucioso e testes criteriosos no recém-nascido, reduzem consideravelmente a mortalidade materno-infantil. Sobretudo, se os pais tiverem feito um planejamento familiar com identificação prévia do traço falcêmico, pois não somente a equipe, mas, também, a família estará ciente e preparada para as possíveis complicações existentes (SANTOS, 2015).

A atuação da enfermagem, por sua vez, vai além da identificação, pela triagem neonatal, já que age diretamente nas crises álgicas, tendo como objetivo principal o alívio da dor (COELHO et al, 2021). Para que isso aconteça o enfermeiro deve compreender sobre a fisiologia da doença e também da dor, para que possa realizar implementações de enfermagem, para tratar da crise atual e ajudar o paciente a prevenir outras que possam surgir (CARVALHO, SANTO, & ANJOS, 2015).

Visto que a percepção da dor e da fisiopatologia da doença são fatores determinantes para a melhoria do estado clínico do paciente, a falta deste saber poderá agravar a situação. No Brasil, esse conhecimento dos profissionais de enfermagem nos centros de hematologia tende a ser precário, isso evidencia a necessidade de investimento na educação continuada e permanente dessa equipe, visando o manejo adequado desses pacientes (FREIRE et al., 2020).

Tendo em vista que o serviço de emergência é disponibilizado a população durante 24 horas, ele é o principal local para atendimento de crises agudas da DF. Esses serviços, representados pelo pronto atendimento, pronto socorro e emergências hospitalares possuem uma equipe especializada para tratar variadas situações. Desse modo, a equipe de enfermagem que atua nesses serviços devem se manter sempre atualizadas para poder ofertar um tratamento diferenciado de modo a solucionar o problema desses pacientes (CARVALHO et al., 2015).

Portanto, enfermagem é uma peça fundamental para o tratamento da doença falciforme. Ela pode agir na prevenção de complicações, garantindo a melhoria da qualidade de vida das pessoas; caso ocorra uma complicação ela pode agir de maneira a aliviar aquela crise, e, principalmente, ela pode agir no âmbito educacional. Com isso, ela irá favorecer a transmissão do saber científico para a família desse indivíduo de modo a elaborar estratégias efetivas com a participação ativa do paciente e seus familiares (FREIRE et al., 2020).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Devido à complexidade da doença falciforme e da escassez de pesquisa sobre ela no Brasil, a busca de dados nas bases de dados acabou gerando um pequeno quantitativo em números de artigos. Isso aconteceu principalmente devido restrição do estudo ao idioma português. Após a busca pelas terminologias “Anemia Falciforme”, “Cuidados de Enfermagem” e “Qualidade de Vida”, foram feitas em união, sempre buscando dois ou três termos por vez. Como resultado, foi possível identificar 137 artigos, que após passar pelos critérios de exclusão restaram apenas 10, que constituirão o desenvolvimento desse tópico.

Esses artigos são constituídos de uma revisão integrativa de literatura, um estudo quantitativo, um estudo transversal e retrospectivo e sete estudos qualitativos. As informações sobre eles estão contidas no Quadro 1.

**Quadro 1:** Artigos selecionados nas bases de dados

Bases de dados	Autor	Título	Ano	Considerações
Scielo	Gesteira, ECR. et al.	Manejo familiar de crianças que vivenciam a doença falciforme: um estudo qualitativo	2020	O presente estudo relata sobre contextos gerais da doença falciforme, abordando sua fisiopatologia, formas de detecção e tratamento. Além do mais, ele aborda a vivência por parte da família frente ao manejo de um membro portador do agravo.
Scielo	Ramos, CM. et al.	Análise existencial das mães no cuidado ao filho com Doença Falciforme	2020	O artigo aborda, embora brevemente, as dificuldades existentes no cuidado de uma pessoa portadora de anemia falciforme, por parte dos pais. Sendo que esses são sobrecarregados e necessitam de uma assistência diferenciada.
Scielo	Gomes, MV. et al.	“À espera de um milagre”: espiritualidade/ religiosidade no enfrentamento da doença falciforme	2019	Nesta pesquisa, o autor leva em consideração a espiritualidade como um fator importante no enfrentamento da doença por parte de alguns indivíduos. E, isso é algo que deve ser aceito pela equipe de enfermagem, visto que poderá auxiliar em seu processo saúde-doença.
Scielo	Sarat, CNF. et al.	Prevalência da doença falciforme em adultos com diagnóstico tardio	2019	O artigo ressalta que embora haja no Brasil um programa que vise ao diagnóstico precoce da DF, alguns casos, como o de pessoas que nasceram antes da implementação deste programa, passaram despercebidos, gerando o diagnóstico tardio dos mesmos.
BVS	Fortini, RG. et al.	O cuidado familiar da criança com anemia falciforme	2019	O artigo aborda sucintamente o perfil apresentado pelos cuidadores de crianças com anemia falciforme, trazendo algumas características apresentadas no cotidiano familiar.
Scielo	Campelo, LMN. et al.	A dor da criança com doença falciforme: abordagem do enfermeiro	2018	O presente estudo aborda a questão do conhecimento necessário por parte da equipe de enfermagem para a identificação da dor em crianças. Visto que, é uma coisa muito subjetiva e difícil de ser avaliada.
BVS	Silva-Rodrigues, FM. et al.	Terapia medicamentosa no domicílio: experiências de mães de crianças e adolescentes com anemia falciforme	2018	Nessa pesquisa, a autora indaga uma questão importante no tratamento das pessoas portadoras de anemia falciforme, a terapia medicamentosa. Se ela não for seguida adequadamente poderá acometer o bem estar desse indivíduo. Logo, ela avalia as experiências das mães frente a esse quesito.
				O estudo retrata sobre a avaliação das

BVS	Oliveira, PP. et al.	Avaliação de famílias de crianças com doença falciforme	2018	famílias acometidas pela comorbidades, especialmente, relatando a necessidade de avaliação deste grupo como um todo e não apenas como um conjunto de seres individuais.
BVS	Oliveira, PP. et al.	Avaliação e intervenção na família de adolescentes com doença falciforme	2017	O artigo relata sobre as mudanças que acometem o corpo do indivíduo adolescente. Diante disso, se faz necessário que os seus cuidadores fiquem atentos a mudanças emocionais e psíquicas para dar apoio integral a ele nesse momento delicado de sua vida.
BVS	Carvalho, EMMS; Santo, FHE; ANJOS, C.	Doença falciforme nas pesquisas em enfermagem: uma revisão integrativa	2015	Essa pesquisa retrata o que é encontrado na literatura acerca da doença falciforme, abordando desde a sua conceituação até os cuidados que devem ser prestados ao indivíduo por parte da equipe de enfermagem.

Fonte: Autoria própria (2020)

As hemoglobinopatia são agravos genéticos e crônicos que fazem parte do cotidiano de muitos brasileiros. A doença falciforme é caracterizada pela alteração morfológica das hemoglobinas que passam a ter formato de foice. Essa mutação acaba ocasionando uma série de sintomas, principalmente algícos, que devem ser tratados com muito cuidado e atenção (CARVALHO, SANTO, ANJOS, 2015).

Estima-se que nasçam no Brasil, anualmente, 3000 crianças com anemia falciforme e 180000 com traço falcêmico. Essa é uma realidade vivida e que acomete principalmente a população afrodescendente, sobretudo na região Sudeste e Nordeste, que possuem a maior concentração de autodeclarados pretos e pardos do Brasil (RAMOS et al., 2020).

Na adolescência, além dos impactos físicos e emocionais oriundos do desenvolvimento humano, a doença falciforme pode gerar alguns sintomas que irão fazer alterações corpóreas indesejadas. Essas alterações podem gerar segregação social que é adicionada a um conjunto de problemas sociais vividos pela população negra (OLIVEIRA et al., 2017).

O diagnóstico precoce dessa doença favorece a redução da morbimortalidade de crianças e adolescentes, pois esses indivíduos passam a ser inseridos em programas de cuidados especiais que iram atender às suas necessidades. No Brasil, o diagnóstico é feito por meio da triagem neonatal, popularmente chamada de teste do pezinho. Desta forma é possível diagnosticar a doença ainda nos primeiros meses de vida para que seja feita uma rápida intervenção (SILVA-RODRIGUES et al., 2018; FORTINI, et al. 2019).

No entanto, vale ressaltar que embora haja testes obrigatórios a serem feitos nos recém-nascidos, ainda há no país casos em que os pacientes são diagnosticados apenas tardiamente, dificultando o seu tratamento. Esses casos, acontecem principalmente entre pessoas que nasceram antes da implementação do programa de triagem neonatal (CARVALHO, SANTO, ANJOS, 2015; SARAT et al., 2019).

Mediante a detecção, Gesteira et al. (2020) relata a importância do planejamento familiar. Afinal, através disso pode ser feito a identificação de traço falcêmico nas pessoas que planejam ter filhos, e, conseqüentemente, a preparação deste casal acerca das possibilidades de seus filhos nascerem com a doença falciforme.

No início das suas vidas as crianças com DF apresentam sinais e sintomas que são difíceis de serem identificados, afinal até os dois anos de idade elas ainda não conseguem expressar adequadamente o problema que estão sentindo. Nesse sentido, a equipe de enfermagem deve se manter atualizada e atenta para identificação dos sinais que possam vir a surgir. Além disso, deve instruir aos cuidadores sobre isso, para que haja o reconhecimento rápido e tratamento precoce de possíveis crises (CAMPELO et al., 2018).

Cuidar da vida de alguém que possua enfermidades crônicas pode acarretar em uma série de desafios, sobretudo aos pais que sofrem diariamente para solucionar problemas que possam surgir. Geralmente, a pessoa que passa a maior parte do tempo cuidado do portador de doença falciforme é a mãe, que já é responsável por várias atividades do dia a dia e acaba se sobrecarregando. Isso evidencia a necessidade de um olhar diferenciado, que leve em consideração não somente a clínica, mas também o contexto no qual aquela cena está inserida para realizar a melhor abordagem (RAMOS et al., 2020).

Nesse aspecto, Oliveira et al. (2018) ressalta que os componentes do meio familiar são os principais indivíduos responsáveis pelo cuidar da doença falciforme no contexto extra-hospitalar. Assim, a abordagem terapêutica deve-se levar em consideração a família não como um agrupamento de indivíduos, mas como um conjunto que atuará na promoção de saúde e prevenção de agravos.

Apesar do avanço científico, ainda não existe um tratamento específico para a doença falciforme. Entretanto, o conjunto de ações que são realizadas em virtude do tratamento têm reduzido consideravelmente a mortalidade e morbidade, conseqüentemente melhorando a expectativa de vida desses indivíduos. Os principais fármacos utilizados no tratamento medicamentoso são penicilina profilática, em menores de cinco anos, e medicações de rotina como ácido fólico e hidroxiureia (GESTEIRA et al., 2020).

Conforme Silva-Rodrigues et al. (2018) os cuidadores podem apresentar muitas dúvidas sobre a terapia medicamentosa em domicílio, principalmente sobre sua finalidade. Além disso, ressalta que em alguns casos esses fármacos acabam não sendo administrados ou realizados em horário inadequado, configurando assim, equívocos que dificultam o tratamento. Logo, isso mostra a necessidade que os cuidadores estejam preparados e orientados, por profissionais da saúde, sobre tais ações para que evitem riscos à vida do portador de anemia falciforme.

Dessa forma, tendo em vista que o enfermeiro é o profissional protagonista, que tende a ter uma maior proximidade com esse tipo de paciente, ele deve ter um olhar holístico e instruir ao indivíduo e sua família sobre os cuidados que devem ser tomados (OLIVEIRA et al., 2017; CHAVES et al., 2019).

Nesses momentos, a estratégia deve ser voltada ao autocuidado. Logo, a equipe de enfermagem deve estar atenta a sua cultura, de modo agregar as suas crenças no processo terapêutico. Afinal, para alguns indivíduos, entre o processo saúde-doença há uma linha habitada pela religiosidade/espiritualidade que favorece mudanças internas que visam à superação do adoecimento (GOMES et al., 2019).

Conforme Sarat et al. (2019), dentre as recomendações que os enfermeiros devem ser repassadas aos portadores de doença falciforme, podem ser citadas se manter hidratação e alimentação adequada, agindo em conjunto para chegar a esse objetivo. Tais ações são de viés preventivo e podem diminuir a probabilidade dele desenvolver uma crise.

Além disso, se faz necessário orientar adequadamente sobre os medicamentos, para que servem, como utilizar, quando tomar e tornar o paciente ativo ao tratamento. Dessa forma, com as devidas orientações os pacientes e seus familiares ficarão cientes sobre o que deve ser feito, potencializando as estratégias e trazendo uma melhor qualidade de vida para essas pessoas (SILVA-RODRIGUES et al., 2018).

Portanto, é possível perceber que a enfermagem é uma peça fundamental para o tratamento do paciente portador de anemia falciforme, pois age atuando no diagnóstico, elaboração de estratégias de prevenção e promoção de saúde, orientações e também no cuidado mediante as crises. Logo, deve manter-se sempre atualizada de modo a garantir a melhor assistência no manejo do paciente portador de anemia falciforme (CARVALHO et al., 2015; OLIVEIRA et al., 2017; FORTINI et al., 2019)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doença falciforme é muito complexa ainda exige muitas pesquisas, sobretudo para poder elaborar um tratamento definitivo para aliviar tamanho sofrimento vivido pelos portadores e por seus familiares. Mediante ao cenário atual, existe apenas um tratamento preventivo e de promoção de saúde, estes não irão curar o indivíduo, mas sim, reduzirão as chances dele vir a ter uma crise.

Vale ressaltar que essa é uma doença que acomete a população afrodescendente, esta que, infelizmente, é historicamente carregada de estereótipos, racismo e segregação social. Logo, o serviço de saúde deve manter-se acolhedor, de modo a receber essas pessoas com integralidade, equidade e universalidade, respeitando-a e oferecendo serviços de qualidade em todos os níveis hierárquicos de atenção.

Nesse aspecto, a enfermagem é a profissão que possui conhecimento teórico-científico, que irá atuar no rastreamento, por meio da triagem neonatal; na crise, através do alívio da dor e de outros sintomas; e, também, na orientação, instruindo os portadores de anemia falciforme e sua família a manterem as suas vidas com qualidade. Logo há uma necessidade em ampliar as pesquisas para outros idiomas, de modo a averiguar o material publicado e produzir novas pesquisas que visem à ampliação dos conhecimentos acerca da temática, com ênfase na assistência de enfermagem no manejo desta patologia.

As hemoglobinopatias são agravos genéticos e crônicos que fazem parte do cotidiano de muitos brasileiros. A doença falciforme é caracterizada pela alteração morfológica das hemoglobinas que passam a ter formato de foice. Essa mutação acaba ocasionando uma série de sintomas, principalmente algícos, que devem ser tratados com muito cuidado e atenção (CARVALHO, SANTO, ANJOS, 2015).

Estima-se que nasçam no Brasil, anualmente, 3000 crianças com anemia falciforme e 180000 com traço falcêmico. Essa é uma realidade vivida e que acomete principalmente a população afrodescendente, sobretudo na região Sudeste e Nordeste, que possuem a maior concentração de autodeclarados pretos e pardos do Brasil (RAMOS et al., 2020).

Na adolescência, além dos impactos físicos e emocionais oriundos do desenvolvimento humano, a doença falciforme pode gerar alguns sintomas que irão fazer alterações corpóreas indesejadas. Essas alterações podem gerar segregação

social que é adicionada a um conjunto de problemas sociais vividos pela população negra (OLIVEIRA et al., 2017).

O diagnóstico precoce dessa doença favorece a redução da morbimortalidade de crianças e adolescentes, pois esses indivíduos passam a ser inseridos em programas de cuidados especiais que iram atender às suas necessidades. No Brasil, o diagnóstico é feito por meio da triagem neonatal, popularmente chamada de teste do pezinho. Desta forma é possível diagnosticar a doença ainda nos primeiros meses de vida para que seja feita uma rápida intervenção (SILVA-RODRIGUES et al., 2018; FORTINI, et al. 2019).

No entanto, vale ressaltar que embora haja testes obrigatórios a serem feitos nos recém-nascidos, ainda há no país casos em que os pacientes são diagnosticados apenas tardiamente, dificultando o seu tratamento. Esses casos, acontecem principalmente entre pessoas que nasceram antes da implementação do programa de triagem neonatal (CARVALHO, SANTO, ANJOS, 2015; SARAT et al., 2019).

Mediante a detecção, Gesteira et al. (2020) relata a importância do planejamento familiar. Afinal, através disso pode ser feito a identificação de traço falcêmico nas pessoas que planejam ter filhos, e, conseqüentemente, a preparação deste casal acerca das possibilidades de seus filhos nascerem com a doença falciforme.

No início das suas vidas as crianças com DF apresentam sinais e sintomas que são difíceis de serem identificados, afinal até os dois anos de idade elas ainda não conseguem expressar adequadamente o problema que estão sentindo. Nesse sentido, a equipe de enfermagem deve se manter atualizada e atenta para identificação dos sinais que possam vir a surgir. Além disso, deve instruir aos cuidadores sobre isso, para que haja o reconhecimento rápido e tratamento precoce de possíveis crises (CAMPELO et al., 2018).

Cuidar da vida de alguém que possua enfermidades crônicas pode acarretar em uma série de desafios, sobretudo aos pais que sofrem diariamente para solucionar problemas que possam surgir. Geralmente, a pessoa que passa a maior parte do tempo cuidado do portador de doença falciforme é a mãe, que já é responsável por várias atividades do dia a dia e acaba se sobrecarregando. Isso evidencia a necessidade de um olhar diferenciado, que leve em consideração não somente a



clínica, mas também o contexto no qual aquela cena está inserida para realizar a melhor abordagem (RAMOS et al., 2020).

Nesse aspecto, Oliveira et al. (2018) ressalta que os componentes do meio familiar são os principais indivíduos responsáveis pelo cuidar da doença falciforme no contexto extra-hospitalar. Assim, a abordagem terapêutica deve-se levar em consideração a família não como um agrupamento de indivíduos, mas como um conjunto que atuará na promoção de saúde e prevenção de agravos.

Apesar do avanço científico, ainda não existe um tratamento específico para a doença falciforme. Entretanto, o conjunto de ações que são realizadas em virtude do tratamento têm reduzido consideravelmente a mortalidade e morbidade, conseqüentemente melhorando a expectativa de vida desses indivíduos. Os principais fármacos utilizados no tratamento medicamentoso são penicilina profilática, em menores de cinco anos, e medicações de rotina como ácido fólico e hidroxiureia (GESTEIRA et al., 2020).

Conforme Silva-Rodrigues et al. (2018) os cuidadores podem apresentar muitas dúvidas sobre a terapia medicamentosa em domicílio, principalmente sobre sua finalidade. Além disso, ressalta que em alguns casos esses fármacos acabam não sendo administrados ou realizados em horário inadequado, configurando assim, equívocos que dificultam o tratamento. Logo, isso mostra a necessidade que os cuidadores estejam preparados e orientados, por profissionais da saúde, sobre tais ações para que evitem riscos à vida do portador de anemia falciforme.

Dessa forma, tendo em vista que o enfermeiro é o profissional protagonista, que tende a ter uma maior proximidade com esse tipo de paciente, ele deve ter um olhar holístico e instruir ao indivíduo e sua família sobre os cuidados que devem ser tomados (OLIVEIRA et al., 2017; CHAVES et al, 2019).

Nesses momentos, a estratégia deve ser voltada ao autocuidado. Logo, a equipe de enfermagem deve estar atenta a sua cultura, de modo agregar as suas crenças no processo terapêutico. Afinal, para alguns indivíduos, entre o processo saúde-doença há uma linha habitada pela religiosidade/espiritualidade que favorece mudanças internas que visam à superação do adoecimento (GOMES et al., 2019).

Conforme Sarat et al. (2019), dentre as recomendações que os enfermeiros devem ser repassadas aos portadores de doença falciforme, podem ser citadas se manter hidratação e alimentação adequada, agindo em conjunto para chegar a esse

objetivo. Tais ações são de viés preventivo e podem diminuir a probabilidade de desenvolver uma crise.

Além disso, se faz necessário orientar adequadamente sobre os medicamentos, para que servem, como utilizar, quando tomar e tornar o paciente ativo ao tratamento. Dessa forma, com as devidas orientações os pacientes e seus familiares ficarão cientes sobre o que deve ser feito, potencializando as estratégias e trazendo uma melhor qualidade de vida para essas pessoas (SILVA-RODRIGUES et al., 2018).

Portanto, é possível perceber que a enfermagem é uma peça fundamental para o tratamento do paciente portador de anemia falciforme, pois age atuando no diagnóstico, elaboração de estratégias de prevenção e promoção de saúde, orientações e também no cuidado mediante as crises. Logo, deve manter-se sempre atualizada de modo a garantir a melhor assistência no manejo do paciente portador de anemia falciforme (CARVALHO et al., 2015; OLIVEIRA et al., 2017; FORTINI et al., 2019)

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doença falciforme é muito complexa ainda exige muitas pesquisas, sobretudo para poder elaborar um tratamento definitivo para aliviar tamanho sofrimento vivido pelos portadores e por seus familiares. Mediante ao cenário atual, existe apenas um tratamento preventivo e de promoção de saúde, estes não irão curar o indivíduo, mas sim, reduzirão as chances dele vir a ter uma crise.

Vale ressaltar que essa é uma doença que acomete a população afrodescendente, esta que, infelizmente, é historicamente carregada de estereótipos, racismo e segregação social. Logo, o serviço de saúde deve manter-se acolhedor, de modo a receber essas pessoas com integralidade, equidade e universalidade, respeitando-a e oferecendo serviços de qualidade em todos os níveis hierárquicos de atenção.

Nesse aspecto, a enfermagem é a profissão que possui conhecimento teórico-científico, que irá atuar no rastreamento, por meio da triagem neonatal; na crise, através do alívio da dor e de outros sintomas; e, também, na orientação, instruindo os portadores de

anemia falciforme e sua família a manterem as suas vidas com qualidade. Logo há uma necessidade em ampliar as pesquisas para outros idiomas, de modo a averiguar o material publicado e produzir novas pesquisas que visem à ampliação dos conhecimentos acerca da temática, com ênfase na assistência de enfermagem no manejo desta patologia.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA. **Manual de diagnóstico e tratamento de doenças falciformes**. Brasília: ANVISA: 2002. Acesso em 07 de Abril de 2021. Disponível em: < [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/anvisa\\_diagnostico.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/anvisa_diagnostico.pdf)>.

AMARAL, J.L. et al. Perfil sociodemográfico, econômico e de saúde de adultos com doença falciforme. **Rev Rene**. 2015 maio-jun; 16(3):296-305. Acesso em 16 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3240/324041234002.pdf>>.

ARAÚJO, L.S., et al. Estratégias e intervenções educativas de enfermagem para o autocuidado de pessoas com doença falciforme. **Interfaces – Revista de Extensão da UFMG, Belo Horizonte**. v.7, n. 2, p. 01-215 jul./dez. 2019. Acesso em 15 de Abril de 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/download/19289/16348/>>.

BOTELHO, L.L.R.; CUNHA, C.C.A; & MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade** · Belo Horizonte · Volume 5· Número 11· p.121-136· Maio/Agosto 2011. Disponível em: <<https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220/906>>. Acesso em 5 de Junho de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Manual de Saúde Bucal na Doença Falciforme**. Brasília, DF, 2007. Acesso em 11 de Abril de 2020. Disponível em: < [https://www.nupad.medicina.ufmg.br/wpcontent/uploads/2016/12/manual\\_sb\\_doenca\\_falciforme\\_2007.pdf](https://www.nupad.medicina.ufmg.br/wpcontent/uploads/2016/12/manual_sb_doenca_falciforme_2007.pdf)>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Hospitalar e de Urgência. **Doença Falciforme: enfermagem nas urgências e emergências: a arte de cuidar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Acesso em 22 de Abril de 2021. Disponível em: < <http://biblioteca.cofen.gov.br/doenca-falciforme-enfermagem-nas-urgencias-e-emergencias-a-arte-de-cuidar/>>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Doença falciforme: diretrizes básicas da linha de cuidado**. Brasília, DF, 2015. Acesso em 22 de Fevereiro de 2021. Disponível em: < [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doenca\\_falciforme\\_diretrizes\\_basicas\\_linha\\_cuidado.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doenca_falciforme_diretrizes_basicas_linha_cuidado.pdf)>.

CAMPELO, L.M.N. et al. A dor da criança com doença falciforme: abordagem do enfermeiro. **Rev Bras Enferm** [Internet]. 2018;71(suppl 3):1463-9. Acesso em 20 de Outubro de 2021. Disponível em: <[https://www.scielo.br/pdf/reben/v71s3/pt\\_0034-7167-reben-71-s3-1381.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reben/v71s3/pt_0034-7167-reben-71-s3-1381.pdf)>.

**Katiuscia Nascimento Borges BARBOSA; Raylton Aparecido Nascimento SILVA; Ruhena Kelber Abrão FERREIRA; Thiago Oliveira Sabino LIMA. A ATUAÇÃO DE ENFERMAGEM JUNTO AO PACIENTE PORTADOR DE ANEMIA FALCIFORME. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2022. FLUXO CONTÍNUO. Ed. 35. V. 1. Págs. 238-258. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdadefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdadefacit.edu.br).**

CARVALHO, E.M.M.S., SANTO, F.H.E., & ANJOS, C. Doença falciforme nas pesquisas em enfermagem: uma revisão integrativa. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 29, n. 1, p. 86-93, jan./mar. 2015. Acesso em 20 de Outubro de 2021. Disponível em: <<https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/9944/9546>>.

CHAVES, Arlane Silva Carvalho et al. Práticas e saberes dos cuidadores de idosos com alzheimer: a invisibilidade do enfermeiro. **Revista Uniabeu**, v. 12, n. 30, p. 400-421, 2019.

COELHO, Emilly Selvati et al. A ATUAÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM JUNTO A INFERTILIDADE. **Multidebates**, v. 5, n. 2, p. 216-230, 2021.

CORDEIRO, R.C.; FERREIRA, S.L.; & SANTOS, A.C.C.. Experiências do adoecimento de pessoas com anemia falciforme e estratégias de autocuidado. **Acta Paul Enferm.** 2014; 27(6): 499-504. Acesso em 03 de Março de 2021. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002014000600499](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002014000600499)>.

CRUZ, R.S., et al. O enfrentamento do tratamento da doença falciforme: desafios e perspectivas vivenciadas pela família. **Revista Enfermería Actual**. Edición Semestral N°. 39, Julio-Diciembre 2021. Acesso em 20 de Agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.sa.cr/pdf/enfermeria/n39/1409-4568-enfermeria-39-27.pdf>>.

DE ARAÚJO, Ana Paula Lopes et al. DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DO PROGRAMA SAÚDE DO HOMEM NA ATENÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE XINGUARA PARÁ. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 29, 2021.

FELIX, A.A.; SOUZA, H.M.; & RIBEIRO, S.B.F. Aspectos epidemiológicos e sociais da doença falciforme..**Rev. Bras. Hematol. Hemoter.**, 2010; 32(3): 203-208. Acesso em 25 de Fevereiro de 2021. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-84842010000300006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-84842010000300006&script=sci_abstract&tlng=pt)>.

FERENHOF, HA; FERNANDES, RF. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, SC: v. 21, n. 3, p. 550-563, ago./nov., 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Helio\\_Ferenhof/publication/325070845\\_DESMIstificando\\_a\\_revisao\\_de\\_literatura\\_como\\_base\\_para\\_redacao\\_cientifica\\_metodo\\_ssf/links/5af4caad4585157136ca3889/desmistificando-a-revisao-de-literatura-como-base-para-redacao-cientifica-metodo-ssf.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Helio_Ferenhof/publication/325070845_DESMIstificando_a_revisao_de_literatura_como_base_para_redacao_cientifica_metodo_ssf/links/5af4caad4585157136ca3889/desmistificando-a-revisao-de-literatura-como-base-para-redacao-cientifica-metodo-ssf.pdf)>. Acesso em 05 de Junho de 2021.

FERREIRA, S.L.; & CORDEIRO, R.C. **Qualidade de vida e cuidados às pessoas com doença falciforme**. Bahia: EDUFBA, 2013. Acesso em 20 de Março de 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16754/1/qualidade-de-vida-e-cuidados.pdf>>.

FIGUEIRÓ, A.V.M., & RIBEIRO, R.L.R. Vivência do preconceito racial e de classe na doença falciforme. **Saúde Soc. São Paulo**, v.26, n.1, p.88-99, 2017. Acesso em 15 de Outubro de 2021 Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2017.v26n1/88-99/pt>>.

**Katiuscia Nascimento Borges BARBOSA; Raylton Aparecido Nascimento SILVA; Ruhena Kelber Abrão FERREIRA; Thiago Oliveira Sabino LIMA. A ATUAÇÃO DE ENFERMAGEM JUNTO AO PACIENTE PORTADOR DE ANEMIA FALCIFORME. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2022. FLUXO CONTÍNUO. Ed. 35. V. 1. Págs. 238-258. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdadefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdadefacit.edu.br).**

FORTINI, R.G. et al. O cuidado familiar da criança com anemia falciforme. **Nursing** (São Paulo); 22(250): 2734-2739, mar.2019. Acesso em 23 de Outubro de 2021. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-996333>>.

FREIRE AKS. et al. Assistência de enfermagem no manejo da dor em crianças com anemia falciforme: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 9, n.5, e182953353, 2020. Acesso em 20 de Outubro de 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3353/4715>>.

GESTEIRA, E.C.R, BOUSSO, R.S., & RODARTE, A.C. Uma reflexão sobre o manejo familiar da criança com doença falciforme. **R. Enferm. Cent. O. Min.** 2016 set/dez; 6(3):2454-2462 DOI: 10.19175/recom.v6i3.758. Acesso em 16 de Outubro de 2020. Disponível em: <<http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/758/1178>>.

GESTEIRA, E.C.R. et al. Manejo familiar de crianças que vivenciam a doença falciforme: um estudo qualitativo. **Rev Bras Enferm.** 2020; 73(Suppl 4):e20190521. Acesso em 12 de Junho de 2021. Disponível em: <[https://www.scielo.br/pdf/reben/v73s4/pt\\_0034-7167-reben-73-s4-e20190521.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reben/v73s4/pt_0034-7167-reben-73-s4-e20190521.pdf)>.

GOMES, M.V. et al. “À espera de um milagre”: espiritualidade/religiosidade no enfrentamento da doença falciforme. **Rev Bras Enferm.** 2019;72(6):1632-9. Acesso em 23 de Outubro de 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/pdf/reben/v72n6/pt\\_0034-7167-reben-72-06-1554.pdf](https://www.scielo.br/pdf/reben/v72n6/pt_0034-7167-reben-72-06-1554.pdf)>.

GOMES, Andrey Viana; FERREIRA, Ruhena Kelber Abrão; DO CARMO RODRIGUES, Carolina Freitas. A saúde na vida do cárcere no Brasil e no Tocantins. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e981998067-e981998067, 2020.

KIKUCHI, B.A. Assistência de Enfermagem na doença falciforme nos serviços de atenção básica. **Rev. bras. hematol. Hemoter.** 2007; 29(3): 331-338. Acesso em 25 de Fevereiro de 2021. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbhh/v29n3/v29n3a27.pdf>>.

LEITE, D.C.F., et al. Avaliação do conhecimento sobre a doença falciforme em familiares de crianças heterozigotas diagnosticadas por triagem neonatal. **Revista da AMRIGS**, Porto Alegre, 63 (3): 290-294, jul.-set. 2019. Acesso em 01 de Setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.amrigs.org.br/assets/images/upload/pdf/jornal/1580235712.pdf#page=53>>.

LOPES, W.S.L., & GOMES, R.. A participação dos conviventes com a doença falciforme na atenção à saúde: um estudo bibliográfico. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(8):3239-3250, 2020. Acesso em 20 de Outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csc/2020.v25n8/3239-3250/pt>>.

MADELLA, A.A.P, et al. Qualidade de vida de adolescentes com doença falciforme: revisão integrativa da produção científica de enfermagem. **R. Enferm. UFRJ – Juiz de Fora** – v.3 – n. 2 – p. 111-117- jul/dez. 2017. Acesso em 03 de Abril de 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/enfermagem/article/view/14002>>.

**Katiuscia Nascimento Borges BARBOSA; Raylton Aparecido Nascimento SILVA; Ruhena Kelber Abrão FERREIRA; Thiago Oliveira Sabino LIMA. A ATUAÇÃO DE ENFERMAGEM JUNTO AO PACIENTE PORTADOR DE ANEMIA FALCIFORME. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2022. FLUXO CONTÍNUO. Ed. 35. V. 1. Págs. 238-258. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br).**

MARQUES, L.N, SOUZA, A.C.A., & PEREIRA, A.R. O viver com a doença falciforme: percepção de adolescentes. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**. 2015 jan./abr.;26(1):109-17. Acesso em 17 de Outubro de 2021. Disponível em: < <http://www.periodicos.usp.br/rto/article/view/52376/96500>>.

MOTA, Luana Mikaelly Tavares et al. A atuação do enfermeiro na segurança hemoterápica: desafios e perspectivas. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, p. e7711426209-e7711426209, 2022.

OLIVEIRA, P.P. et al. Avaliação e intervenção na família de adolescentes com doença falciforme. **Rev enferm UFPE online**, Recife, 11(4):1552-64, abr., 2017. Acesso em 23 de Outubro de 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/15223/17984>>.

OLIVEIRA, P.P. et al. Avaliação de famílias de crianças com doença falciforme. **Investig. enferm**; 20(2): 1-11, 20180000. Ilus. Acesso em 21 de Outubro de 2020. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-994970>>.

OLIVEIRA, A.C.F, et al. Assistência de enfermagem ao paciente portador de anemia falciforme. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 1815-1823, mar/apr. 2019. Acesso em 30 de Março de 2021. Disponível em: < <http://www.brjd.com.br/index.php/BJHR/article/view/1463>>.

POMPEO, C.M., et al. Fatores de risco para mortalidade em pacientes com doença falciforme: uma revisão integrativa. **Escola Anna Nery**, 24(2), 2020. Acesso em 03 de Março de 2020. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v24n2/1414-8145-ean-24-2-e20190194.pdf>>.

RAMOS, EMB.et al. Portadores da doença falciforme: reflexos da história da população negra no acesso à saúde. **Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**. 2020 jul.-set.;14(3):681-91. Acesso em 13 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1882/2377>>.

SANTOS, A.C.C. **Autocuidado de mulheres grávidas com doença falciforme: construção de um protocolo de enfermagem**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia Escola de Enfermagem, Salvador, 2015. Acesso em 15 de Outubro de 2021. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26181/1/Disserta%20a7%20a3o%20Ane%20Caroline%20da%20Cruz%20Santos.pdf> >.

SANTOS, V.V. **Semi-quantificação cintilográfica de defeitos perfusionais em portadores de Doença Falciforme. Comparação com sintomas clínicos**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Medicina.

SARAT, C.N.F, et al. Prevalência da doença falciforme em adultos com diagnóstico tardio. **Acta Paul Enferm**. 2019; 32(2): 202-9. Acesso em 20 de Fevereiro de 2022. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002019000200202&script=sci\\_abstract&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002019000200202&script=sci_abstract&tlng=es)>.

**Katiuscia Nascimento Borges BARBOSA; Raylton Aparecido Nascimento SILVA; Ruhena Kelber Abrão FERREIRA; Thiago Oliveira Sabino LIMA. A ATUAÇÃO DE ENFERMAGEM JUNTO AO PACIENTE PORTADOR DE ANEMIA FALCIFORME. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2022. FLUXO CONTÍNUO. Ed. 35. V. 1. Págs. 238-258. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: [jnt@faculdadefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdadefacit.edu.br).**

SILVA-RODRIGUES, F.M. et al. Terapia medicamentosa no domicílio: experiências de mães de crianças e adolescentes com anemia falciforme. **Cogitare Enferm.** (23)2: e53462, 2018. Acesso em 23 de Outubro de 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/53462/pdf>>.

SOUZA, I.M., ARAÚJO, E.M.. Doença falciforme e triagem neonatal: um debate necessário. **Rev. Saúde Col. UEFS**, Feira de Santana, 5(1): 51-58 (Dezembro, 2015). Acesso em 17 de Outubro de 2021. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/1011/799>>.

SOUZA, J.M.S., et al. Fisiopatologia da doença falciforme. **Revista transformar**, v.8, n.8, p.162-178, 2016. Acesso em 01 de Abril de 2021. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/60>>.

STANDRING, S. **Gray's anatomia**: a base anatômica da prática clínica (40ª ed.) Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

VILELA, R.B.. et al. Atenção à saúde na doença falciforme em Alagoas: aspectos da vulnerabilidade programática na pessoa adulta. **Millenium**, 2(ed espec nº5), 347-354, 2020. Acesso em 18 de Outubro de 2021. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/19139>>.